

## APRESENTAÇÃO DE LIVRO

**Autor:**

Mariana Leite

[marianna0leite@gmail.com](mailto:marianna0leite@gmail.com)

**Título:**

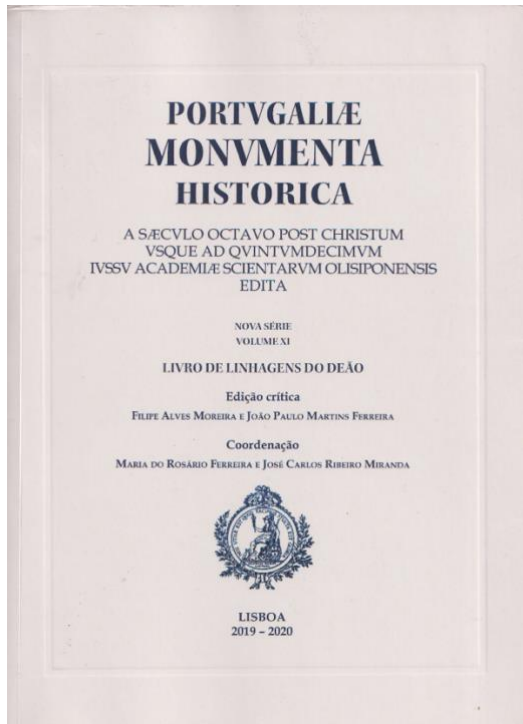
Filipe Alves Moreira & João Paulo Martins Ferreira, *Livro de Linhagens do Deão*, «Portugaliae Monumenta Historica, Nova Série, Volume XI», Lisboa, Academia das Ciências, 2019-2020.

**Como citar esta apresentação:**

Mariana Leite, «Apresentação de Filipe Alves Moreira & João Paulo Martins Ferreira, Livro de Linhagens do Deão, Lisboa, Academia das Ciências (série Portugaliae Monumenta Historica), 2019-2020», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, vol. 6, 2021, pp. 197-201.

DOI: 10.21747/21839301/gua6ap





**Filipe Alves Moreira  
&  
João Paulo Martins Ferreira**

***Livro de Linhagens do Deão***

**Lisboa  
Academia das Ciências  
(*Portugaliae Monumenta Historica,  
Nova Série*)**

Mais do que uma mera recensão de uma louvável iniciativa editorial, esta apresentação reflete, em grande medida, o resultado de se ter acompanhado, com mais ou menos proximidade, o seu desenvolvimento e realização. É, por isso, uma recensão e testemunho do trabalho metucioso que os dois editores realizaram no âmbito de um projeto de investigação que envolveu uma equipa da qual pude fazer parte: o projecto MELE - *Da Memória Escrita à Leitura do Espaço*, vigente entre 2018 e 2022. Foi neste contexto que, entre 2019 e 2020, veio à luz uma nova edição de um dos nobiliários portugueses medievais: o chamado «Livro do Deão». A tarefa de fixação textual, assumida laboriosamente por Filipe Alves Moreira, especialista da historiografia portuguesa e ibérica do final da Idade Média e início da Modernidade, foi complementada, no tocante aos extensos índices e informação histórico-genealógica, por João Paulo Ferreira, historiador especialista em nobreza medieval peninsular.

Como se pode ler na incisiva «Apresentação» da autoria de José Augusto de Sottomayor-Pizarro, professor da Faculdade de Letras e membro da Academia das Ciências, esta iniciativa não se limita a ser uma continuação da designada «Nova Série» dos prestigiados *Portugaliae Monumenta Historica*; na verdade, surge pela necessidade de colmatar as lacunas materiais decorrentes da passagem do tempo – recordemos que a edição, realizada em 1980 por José Mattoso e Joseph Piel, se encontra esgotada há muito – mas também, e mais pertinentemente, pelo facto de o acesso a materiais disponíveis para a edição – os testemunhos manuscritos e impressos – ter avançado significativamente nos últimos 40 anos.

De facto, os três livros de linhagens portugueses – o *Livro Velho de Linhagens* e o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, para além do *Livro de Linhagens do Deão*, objecto

da presente edição – contam agora com uma base textual muito mais larga do que a disponível aquando das edições anteriores, do início da década de oitenta, permitindo uma fixação do texto mais ponderada e fundamentada, ou seja, «capaz de pôr à disposição do público textos mais próximos daqueles que teriam sido os originais dessas mesmas obras», fundamentalmente o grande objetivo do trabalho de edição crítica de textos antigos. A presente iniciativa editorial contou, por isso mesmo, com o apoio empenhado do professor José Mattoso, que fez questão de contribuir com os seus materiais de investigação pessoais para que essa tarefa se tornasse possível, permitindo uma continuidade nos estudos medievais exemplar e rara na investigação em Portugal.

A nova edição do *Livro de Linhagens do Deão* agora disponível cumpre, satisfatoriamente, todos os critérios acima enunciados. Embora o índice global seja comedido, distingue-se esta edição por ser acompanhada de um estudo introdutório em que os editores expõem com argumentação minuciosa os seus procedimentos, começando, evidentemente, com a ponderação da tradição manuscrita e impressa. Ao conferirem, e com propriedade, idêntico relevo tanto a manuscritos como a impressos – quer aos até agora desconhecidos, quer àqueles que eram do conhecimento público –, os editores revelam de um modo exaustivo e minucioso a sobrevivência da obra desde a Idade Média, remontando a 1343, ano de que é possível datar o mais antigo testemunho.

É de louvar a redescoberta e a descrição do manuscrito A1, posteriormente eleito como base da edição para a parte em que a sobrevivência desse testemunho permite. Este manuscrito, que se encontra na Biblioteca do Palácio da Ajuda, não pôde ser usado pela edição Mattoso/Piel por deficiência de catalogação, embora já tivesse estado presente na primitiva edição de Alexandre Herculano, realizada para os *Portugaliae Monumenta Historica* de 1860. Porém, o Ms. da Ajuda não transmite o terço terminal, aproximadamente, desta obra genealógica. Deste modo, a base textual do final da presente edição teve de recair sobre a edição de Caetano de Sousa, realizada em 1739. Assim, apesar das suas reconhecidas actualizações linguísticas – e até processos de censura em partes relevantes do texto transmitido –, a edição setecentista continua a fazer valer a sua utilidade como testemunho acessório. Não deixa de ser significativo que os manuscritos mais recentemente descobertos não contribuam tão decisivamente para a fixação do texto a editar como anteriormente se poderia pensar, tanto, na opinião dos editores, pelo valor intrínseco das suas lições, como, arriscamos, pela sua total inacessibilidade, como sucedeu com os manuscritos existentes na Casa de Cadaval. Se nenhuma edição é definitiva, esta também o não será por força de razão – mas, seguramente, não por ausência de empenhado esforço por parte dos editores, que, mesmo nem sempre com sucesso, tudo fizeram para consultar todos os testemunhos disponíveis. Coroando o estudo introdutório, onde tem lugar um exaustivo exercício de colação dos vários testemunhos disponíveis, apresenta-se, na página XLVI, um *stemma codicum* onde é possível visualizar uma proposta de relacionamento recíproco dos vários testemunhos, reveladora de uma complexidade de transmissão textual que

excede, de algum modo, o que é usual encontrar-se em obras desta cronologia no espaço cultural português.

O estudo introdutório reserva ainda alguma atenção à delicada questão de saber quem terá sido o promotor desta obra genealógica, nomeadamente o «*decanus*» que é mencionado no paratexto alusivo ao ano de 1343, presente na maioria dos manuscritos. Todavia, esta questão parece ser ainda mais espinhosa do que a edição do texto crítico em si – já que é de natureza histórica e relevando do contexto e propósitos da redacção do livro –, tendo o editor elencado exaustivamente os poucos estudos que têm incidido sobre essa questão e que apontam várias possibilidades de identificação do «deão», sem ser possível adiantar argumentos decisivos para optar por um dos nomes.

De salientar, também, que a dimensão linguística das opções editoriais não parece ter tido grande peso, nem na hierarquização dos testemunhos, nem na eleição das lições específicas, encaminhando-se a opção da valorização editorial para uma vertente sobretudo semântica, quando não mesmo «referencial». Contudo, as normas editoriais utilizadas – situando-se muito perto do ponto em que o abandono dos grafemas foneticamente irrelevantes não colide com os aspectos decisivos da deriva linguística – conferem à edição um rigor editorial que a coloca à altura da tradição que a antecede.

Trará a presente edição novidades notáveis? Não será arriscado afirmar que não, nem seria de esperar algo diverso, excepto se a configuração da tradição textual tivesse sofrido alterações inesperadas. De facto, não só o texto, na sua configuração original, não parece ter pontos críticos de estrutura, como o labor de Mattoso e Piel já havia elevado a iniciativa editorial nesta área a um nível tal que dificilmente seria agora possível encontrar novidades de vulto. De salientar, contudo, a solução de alguns *loci critici* até agora indecifrados, bem como uma organização mais detalhada, e condicente com a tradição textual transmitida, observável nos títulos iniciais, especialmente no Título VI, dedicado ao ramo principal da linhagem da Maia, que tem na figura de Soeiro Mendes a referência mais notável. De notar e louvar, também, o detalhado e extenso aparato crítico, não deixando de fora nenhuma variante, mesmo quando rejeitada, o que eleva o texto editado a mais de duzentas páginas, contrastando com as cerca de cento e cinquenta da edição anterior. Ao contrário da edição Mattoso/Piel, que havia juntado num mesmo volume a edição do *Livro Velho de Linhagens* e a do *Livro do Deão*, a presente iniciativa editorial optou por consagrar um volume específico a cada uma das obras. Mas nem por isso o espaço ocupado pela edição, como vimos, se encurtou. Já o mesmo não sucede com o índice onomástico, que diminui um pouco o seu volume (102 páginas contra as 124 de edição anterior) como resultado de não acolher as referências provenientes do *Livro Velho de Linhagens*, o mesmo sucedendo nos restantes índices.

Honrando, definitivamente, a linhagem da qual descende, esta apreciável edição de Filipe Alves Moreira e João Paulo Ferreira destaca-se por trazer para o novo século este importante testemunho da história, e da escrita da história, da Idade Média portuguesa, esperando-se que muito em breve venham a juntar-se-lhe outros nobiliários medievais.